

A força emancipatória artemisíaco: a relação entre Ártemis e a assexualidade

The Artemisian emancipatory force: the relationship between Artemis and asexuality

Melissa Barboza ARAÚJO¹

Ofélia Maria de BARROS²

Resumo: A assexualidade, isto é, a ausência total, parcial ou condicional da atração sexual, tem sido tratada de maneira patologizante ou como uma escolha pessoal. Contudo, entendemos, a assexualidade não como uma condição do sujeito, mas, como um dos desdobramentos da sexualidade. Portanto, esse artigo tem como objetivos: trazer à tona o tema para o debate sobre a sexualidade; dar visibilidade a esses corpos; e investir na construção de parâmetros para a existência para além da conjugalidade. Como metodologia utilizamos a análise da representação da deusa Ártemis, que assim como outras divindades da mitologia, tem seus comportamentos como referências para padrões de comportamentos. Nesse sentido, entendemos a assexualidade presente nessa divindade como umas das formas de vivenciar a sexualidade tão legítima quanto os demais modelos. Para a fundamentação teórica utilizaremos algumas referências: Audre Lorde (2019); Ana Carvalho (2019); Michel Foucault (1988) e Genette Paris (1994). No que concerne aos resultados, partimos do princípio que o apagamento que podem ser atribuídas a deusa é resultado da sociedade allonormatividade e o modelo referente a conjugalidade.

Palavras-chave: assexualidade; Ártemis; apagamento; sexualidade; allonormatividade;

Abstract: Asexuality, that is, a total, partial or conditional absence of sexual attraction, has been regarded in a pathological way or as a personal choice. However, we understand asexuality not as an individual condition, but as one of sexuality's ramifications. Therefore, this paper has as its goals to elicit this subject to the debate on sexuality; to give these bodies visibility; and to invest in building parameters for existence beyond conjugality. We have used, as our methodology, an analysis of the goddess Artemis' representation, as, like other mythological deities, this goddess has her behavior as a reference for behavioral patterns. This way, we understand the asexuality in this deity as one of the ways to experience a sexuality that is as legitimate as other models. For our theoretical ground, we will use references such as: Audre Lorde (2019); Ana Carvalho (2019); Michel Foucault (1988) and Genette Paris (1994). Concerning our results, we have assumed that the historical erasure of some characteristics which can be attributed to this goddess is a result of allonormative society and the conjugality model.

Keywords: asexuality; Ártemis; erasure; sexuality; allonormativity.

¹ Graduanda em licenciatura plena em história - UEPB, e-mail: melissaraujo04@gmail.com

² Orientadora: Graduada em história, mestre e doutora em Ciências Sociais, Professora do Departamento de História da UEPB. Email: ofelia.terra@gmail.com

Introdução

As narrativas míticas, isto é, os mitos, assim denominados pelos gregos, ou as visões de mundo dos povos ancestrais, tem por finalidade construir modelos explicativos (modelos exemplares) que falem acerca da origem das coisas existentes, utilizando como aporte os elementos sobrenaturais (ELIADE, 2011). No que concerne ao campo da historiografia, a análise e crítica das fontes, torna-se imprescindível para o ofício do historiador, assim como defende Marc Bloch e Lucien Febvre, rompendo com o ideário da história tradicional. Nesse sentido, por meio do exercício crítico das narrativas míticas, percebe-se a relevância destas tanto para as sociedades em que estas surgiram como para a história da humanidade na totalidade, isto é, como modelos a serem seguidos tanto na construção dos ideários sócio-culturais e, conseqüentemente, na construção dos sujeitos.

Sobretudo, é considerável identificar ainda no século XXI a presença dessas narrativas na construção de seus ideários na sociedade contemporânea, em seguida, a sua importância e as representatividades transmitidas por meio dessas histórias, na literatura e nos meios midiáticos: séries, filmes e animação. Todavia, é importante destacar que a sociedade contribui para a perpetuação de suas ideologias e conceitos, logo, nota-se a propagação de pensamentos regidos pelas ideologias dominantes, a exemplo no ocidente do que irá ocorrer a partir da imposição e universalização do ideário cristocêntrico, fundado no modelo hetero-normativo-patriarcal e cisgêneros³.

Em virtude da generalização da heteronormatividade, faz-se necessário discutir sobre outros cenários no campo da sexualidade bem como entender historicamente a supremacia do poder falocêntrico e a imposição das referências de conjugalidade, visto que, por conjugalidade estamos nos referindo a ideia de que a felicidade e a finalidade última da vida humana, seria formar, pares, casais, ou mesmo trisais seja com o intuito de reprodução ou não. Portanto, compreende-se a emergência de discutir sobre essas pautas e refletir sobre as representações atribuídas a algumas divindades. Desse modo, será oportuno a reflexão sobre a divindade da mitologia grega Ártemis, buscando entender acerca de sua sexualidade, ou assexualidade, não como algo anômalo, mas algo bastante comum

³ Entende-se por cisgênero como um termo que expressa quando uma pessoa se identifica com o sexo biológico, ou seja, o indivíduo se identifica com a identidade de gênero atribuída desde o nascimento.

e problematizar os símbolos impostos a ela como uma continuação da sociedade allonormativa que "[...] referência a forma de socialização que perpetua a normatividade da atração sexual." (ROCHA; FALCÃO; BARBOZA, BUENO, 2020, p.3), ou seja, uma convenção social que visualiza o sexo como algo inerente ao ser humano, por conseguinte, um indivíduo que caminhe de maneira oposta é representado como defeituoso.

Com isso, diante da complexidade da sociedade moralista, heteronormatividade e allonormativa que impõe papéis aos indivíduos, os seus discursos e atitudes são um gerador que traz impactos aos indivíduos assexuais, resultando já violência sob esses corpos e a invisibilidade dos mesmos. Com isso, entende-se a urgência de espaços para as pautas acerca da comunidade assexual rompendo com a vinculação de um saber associado a patologia, dado que, as primeiras investigações trataram a assexualidade com um viés patologizante e anormal (CARVALHO, 2019).

Apesar de existir uma nova direção no que diz respeito ao conhecimento acerca da assexualidade - em que na sua definição é compreendida como ausência total, condicional ou parcial da atração sexual, por esse motivo se entende como uma identidade que engloba micro identidades, ou melhor, espectros - ainda não existe um distanciamento dos pré-conceitos citados, existindo um impasse no que diz respeito à ocupação de um espaço cujo há a predominância do "[...] discurso hegemônico e allonormativo, que procura justificativas em discursos biomédicos patologizantes ou que colocam em um lugar de inexistência." (ROCHA; FALCÃO; BARBOZA; BUENO, 2020, p.3). Diante do exposto, é preciso ressaltar a emergência de abrir espaços para esses discursos e para produções acadêmicas sobre esse assunto em virtude da ausência alarmante de materiais desvinculados de conceitos biomédicos, buscando romper ao enfatizar a assexualidade como algo natural e normal ao ser, assim como é natural as relações sexuais e, sobretudo, transmitir visibilidade a esses corpos.

A comunidade assexual diante de todos os impasses existentes e a falta de visibilidade dos mesmos utilizam os meios tecnológicos - como o aplicativo twitter - como recurso para denunciar suas experiências em que são invisibilizados e tentam construir uma rede de apoio entre eles. A partir do que foi citado, é perceptível a importância dessas conexões com outros sujeitos que se identificam e o mecanismo que utilizam para denunciar situações e conquistar a voz que foi bastante silenciada.

Além do aplicativo, existem alguns sites com informações sobre o que é a assexualidade e os espectros existentes nessa identidade, assim como o site AVEN - rede de visibilidade e educação assexual - fundada em 2001 que possui o objetivo de transmitir essa visibilidade e compartilhar os conhecimentos sobre a comunidade.

Contudo, “[...] de encontro com a posição da AVEN, Bogaert (2004) propôs a definição de assexualidade enquanto ausência de atração sexual por outros indivíduos” (CARVALHO, 2019, p. 9), porém, a assexualidade é visualizada como um termo guarda-chuva em que possui diversos espectros, ou seja, podendo sentir atração sexual de forma parcial ou condicional também. Esse aspecto não faz com que um indivíduo deixe de ser assexual, já que ele também sai das normas sociais e do conceito de conjugalidade. Portanto, é preciso desvincular os estereótipos de que essas pessoas não se relacionam romanticamente ou se envolvem sexualmente. Logo, é necessário a produção desses assuntos sem que envolva os preconceitos para alcançar as pessoas e que seja rompida a continuação desses ideários violentos.

Os impactos do discurso normatizador sob as minorias

A sexualidade por muito tempo foi utilizada como um dispositivo de poder. Diante disso, a sexualidade foi estimulada por meio da busca pelo saber, isto é, a verdade, criando diversos mecanismos para a obtenção do poder (FOUCAULT, 1976). Uma dessas ferramentas criadas está intrinsecamente ligada à linguagem, posto que, ela é responsável pela criação do real. Dessa forma, diferentemente do Oriente⁴ que busca pelo saber sexual relacionado diretamente a prática sexual, no Ocidente foram utilizados diversos dispositivos acompanhados pela linguagem como, por exemplo, a repressão do discurso acerca do sexo, sendo atribuído ao conceito de dualidade: o bem e o mal. Ademais, é considerável destacar que esse mecanismo foi direcionado sobretudo às mulheres cuja sociedade patriarcal e moralista atribuiu a elas um papel de “inocência”, sendo advertidas a esses sentimentos e discussões com o intuito de “manter as mulheres por perto a fim de empregá-los a serviço dos homens” (LORDE, 2019, p. 68)

⁴ Segundo Foucault, em seu livro *História da sexualidade: A vontade do saber* (1976), o intelectual utiliza o termo *ars erotica* quando diz respeito ao Oriente. Tal termo é utilizado em virtude da forma em que é expressado e compreendido o conteúdo da sexualidade, não existindo um tabu, repressão e omissão.

Além disso, segundo Foucault, no seu livro *História da sexualidade: A vontade do saber* (1976), existem outros recursos com o objetivo do possuir o controle dos indivíduos como a propagação do debate sobre o sexo. Apesar de se apresentar muito controverso, essa técnica foi utilizada durante a Idade Média em que era bastante comum a prática da confissão. É notório que tal assunto era associado como algo pecaminoso e as confissões eram uma maneira de buscar o perdão da autoridade, ou seja, algum membro da Igreja. Esse recurso era uma forma eficiente da manutenção do poder, dado que, compreende-se que o poder é derivado de vários pontos desiguais e instáveis, sendo ela um conceito não fixo. Em virtude disso, um desses pontos que contém esse poder é a Igreja.

Outrossim, a propagação do tema sexualidade e sexo, como já citado, estava conectado com o pensamento moralista cristã que interpretam a partir dos conceitos dualistas e, além disso, associado aos aspectos culturais ocidentais que atribui o saber a duas áreas: biologia e medicina. Portanto, visando realizar um panorama histórico estabelecendo uma ponte com aspectos cotidianos, percebe-se esse ideário muito predominante no que se refere a assexualidade, posto que, por muito tempo a discussão possuía um embasamento centralizado na biomedicina, atribuindo a assexualidade como uma patologia. Diante disso, essa visualização resulta em impactos nas pessoas assexuais, pois “fica impossibilitada de ocupar um espaço dentro do discurso hegemônico e allonormativo, que procura justificativas em discursos biomédicos patologizantes ou que colocam em um lugar de inexistência” (ROCHA; FALCÃO; BARBOZA; BUENO, 2020, p.3).

Dessa forma, a sexualidade é um dispositivo de controle e poder expondo a permissão, ou não, de algumas atitudes a partir de um ideário moralista e estabelecendo uma relação de vigilância através das confissões, a fim de julgar e punir o que sai das normas da sociedade patriarcal, hetero e allonormativa, tendo em vista que “segundo Mollet e Lackman (2020), Allonormatividade é uma palavra derivada de allosexual, que referencia a forma de socialização que perpetua a normatividade da atração sexual” (ROCHA; FALCÃO; BARBOZA; BUENO, 2020, p.3), ou seja, uma sociedade que possui como uma normatização a atração sexual como algo característico à existência humana. Conseqüentemente, indivíduos que não se enquadram nessa norma social são tratados com indiferenças e são negligenciados.

Diante do exposto, esses dispositivos impactam a vida de um indivíduo que não se enquadra nos papéis e padrões estipulados pela sociedade ignorando a diversidade, ainda assim, propondo a homogeneização. Em virtude disso, é predominante o silenciamento e o negligenciamento sobre a existência das pessoas que se identificam como assexuais. Nesse sentido, a assexualidade é uma identidade que engloba diversas micro identidades, em virtude da ausência total, parcial ou condicional da atração sexual, sendo elas a demissexualidade, grayssexualidade, litossexualidade, entre outros.

Ademais, mesmo que exista uma nova compreensão no que diz respeito à assexualidade, distanciando-se da abordagem patologizante, ambos coexistem nos discursos das pessoas, evidenciando as dificuldades que uma sociedade allosexual direciona nesses sujeitos, além da ausência de espaços para a discussão, assim como a falta de representatividade, resultando principalmente nos jovens uma baixa autoestima e a dificuldade na autoaceitação, podendo carregar esses sentimentos até mesmo em sua vida adulta.

Além disso, o erotismo é frequentemente relacionado à atividade sexual, sendo retirado das pessoas assexuais e consecutivamente desassociados com esse sentimento, contudo, “a palavra “erótico” vem do grego *eros*, a personificação do amor em todos os seus aspectos - nascido de Caos e representando o poder e a harmonia” (LORDE, 2019, p.70). Logo, é importante destacar a importância da valorização e o reconhecimento desse amor além do amor romântico que, por conseguinte, é vinculado à atração sexual da qual está presente na hierarquia das relações em que o relacionamento amoroso está no topo da pirâmide. Sendo assim, o erotismo vai além do enquadramento e da conotação sexual, pois é possível sentir o gozo em outros aspectos na vida, realizando uma ponte para o autoconhecimento, o empoderamento e a autoconexão.

Por fim, percebe-se a compreensão de que o sexo é algo inerente e fundamental ao ser humano. No entanto, é preciso quebrar com essas vertigens da tentativa de uma homogeneização e padronização da população, dado que é uma maneira de violência com todos os sujeitos que não se encontram nesse rótulo, especificamente os assexuais.

Ártemis e a energia potencializadora da assexualidade

É fundamental, espaços para o debate acerca dos arquétipos associados às divindades, realizando uma análise por um viés histórico, pois se percebe a herança de algumas ideologias de épocas anteriores que estão presentes no enunciado até os dias atuais. Diante do exposto, no que se relaciona às divindades femininas são atribuídos papéis como a maternidade, o sacerdócio, a satisfação do parceiro (geralmente homens) onde o seu erotismo está voltado ao prazer do outro. No entanto, o erotismo foi negado às mulheres, dado que, entende-se que este vai além da prática sexual abrangendo diversas áreas da vida das mulheres. Em vista disso, Lorde busca romper com esse ideário predominante de uma sociedade patriarcal, já que, esse medo está ligado à compreensão de que “[...] mulheres tão empoderadas são perigosas. Então somos ensinadas a dissociar a demanda erótica da maioria das áreas vitais das nossas vidas, com exceção do sexo.” (LORDE, 2019, p.69)

Dessa forma, a partir de uma análise dos arquétipos da divindade Ártemis, notam-se semelhanças entre estereótipos atribuídos às pessoas assexuais. Nesse contexto, temos como objetivo estabelecer uma relação entre elas buscando problematizar alguns pré-conceitos muito ligados aos conceitos biomédicos patologizantes. Assim sendo, existem alguns paradigmas no que concerne a deusa grega Ártemis, entre elas a sua relação com a natureza sendo representada como deusa-mãe e, sobretudo, como auxiliar no parto.

Outrossim, em referência ao último arquétipo citado, ele é evidenciado na sua narrativa mitológica. Por Ártemis ter sido a primeira a nascer e vivenciar o trabalho de parto da sua mãe, Leto, de seu irmão gêmeo Apolo, ela assiste todo processo de dor sofrido pela sua mãe e a ajuda no nascimento do deus Apolo. Consequentemente, essa sua trajetória influencia na percepção da divindade visualizando esse acontecimento como um precursor para a ausência de atração sexual, ou melhor, se manter virgem: “entendemos também por que, embora se mantivesse virgem, Ártemis, sabendo quanto sofrera sua mãe, se dedicasse a aliviar as mulheres nessa tarefa” (PARIS, 1994, p.93).

Essa relação embasada em um entendimento comum relaciona a atração sexual com algum trauma vivenciado durante a vida, assim como é relacionado a Ártemis e sua vivência no parto do seu irmão. Logo, essa percepção é bastante comum na comunidade assexual, uma vez que, o senso comum relaciona a ausência de atração sexual com traumas que o indivíduo pode ter sofrido. Todavia, a assexualidade, assim como outras orientações sexuais, não se trata de uma

condição ou escolha, por conseguinte, esse discurso inviabiliza esses sujeitos assexuais. Desse modo, percebe-se novamente o discurso reafirmando a prática sexual como algo que não pode ser desvinculado ao ser humano e quando esse sai das normas sociais é tratado como uma anomalia.

Ademais, além dos arquétipos artemisiacos, é concedido alguns valores à divindade, entre eles, o ascetismo, a castidade e a solidão. Destarte, todos estão relacionados a falta total de atração sexual e, conseqüentemente, a prática sexual correlacionado a castidade e ascetismo. Em vista disso, é notório ressaltar a diferença entre o ascetismo e a castidade, na qual “[...] é diferente, no sentido de que pode ser adotada por um longo período ou mesmo por toda a vida; mas se a castidade for resultante do medo do sexo, ou consequência de frigidez, gera apenas frustração” (PARIS, 1994, p. 102), todavia, ambas são consequência de uma escolha com base religiosa, isto é, com base em uma instituição que condiz um poder nos seus discursos moralistas, em seqüência “são necessários alguns esclarecimentos entre categorias comumente confundidas no imaginário social e tratadas como sinônimos: celibato e assexualidade” (ROCHA; FALCÃO; BARBOZA; BUENO, 2020, p.3).

Essa frustração citada pela autora, para a sociedade allonormativa, coexiste ao mesmo tempo, com o sentimento de solidão, vista como consequência da ausência da atividade sexual. Entretanto, esse pensamento possui um aporte na hierarquia de relacionamentos, em que no topo se encontra o relacionamento romântico, e apenas na conquista de um chamado amor é possível obter a felicidade, imobilizando-se no conceito de conjugalidade. Ainda também, é frequentemente confundido os tipos de atrações existentes, principalmente a atração romântica e atração sexual, sendo que ambas são diferentes, podendo não coexistirem juntas e, por fim, ressaltando que o sexo não é algo característico do homem.

Diante do exposto, essa hierarquia de relacionamento também negligência as outras formas de amor. É significativo debater acerca das diferentes atrações, assim como as diferentes formas de amar. É preciso perceber o amor na forma horizontal, dado que é elencado verticalmente colocando o relacionamento amoroso em primeiro lugar e, com efeito, apagando a importância de outros amores como a amizade, família, animais, hobbies e a si.

Essa manifestação é propagada de maneira bastante comercial em todas as esferas midiáticas - séries, filmes, animações, literaturas, entre outros - e datas comemorativas. Em vista disso, essa propagação atinge indivíduos que não se identificam com essa ideologia, gerando uma pressão social e resultando na busca de uma vida sexualmente ativa, já que “a abordagem dos indivíduos com estilos de vinculação ansioso às atividades sexuais reflete na tentativa em cumprir as necessidades de segurança e amor não cumpridas” (CARVALHO, 2019, p.20), do mesmo modo ocasionando um apagamento na existência desses corpos e a exclusão advinda da pressão que podem ser carregada até a fase adulta. Dessa maneira, é importante produzir conteúdos com representatividade assexual para reforçar que essa identidade é comum e muito presente na sociedade, além de fazer com que alguns sujeitos consigam se identificar e, conseqüentemente, se descobrir de uma maneira mais leve.

Destarte, a partir da análise dos arquétipos e valores associados à divindade Ártemis, é perceptível o reflexo do que uma sociedade patriarcal e moralista atribui às mulheres a referência da pureza, castidade, etc. Ademais, ainda na contemporaneidade é notório a herança desses papéis por meio do controle das instituições que detém poderes. Em seqüência, a repressão do tema sexo e, ao mesmo tempo, a propagação através das confissões evidencia recursos do controle. Essas confissões apesar de ser bastante comum em um recorte temporal histórico anterior a modernidade, porém ainda se faz presente atualmente como a confissão da atividade ativa do sexo.

Isto posto, alguns valores entregues à deusa, como a solidão, a castidade e a ausência da feminilidade ainda são concebidas a algumas pessoas que não seguem a normatividade, principalmente às mulheres. Com efeito, é difundido esses valores por meio de uma normalização para englobar os indivíduos no conceito tradicional, hierárquico, heteronormativo e patriarcal, estipulado. Dessa maneira, é produzido estereótipos fundamentados nesses valores, que sempre estão relacionados à moral cristã, como características de pessoas frias, solitárias e que nunca amou e vai amar. Essa falta de conhecimento anula todas as pessoas que se identificam como assexuais e se encontram no espectro demi, gray, assexuais fluidos e outros espectros que são inviabilizados.

Essa ideia anula toda a comunidade assexual, posto que esses sujeitos não são frios e não deixam de amar as pessoas. É preciso se desvincular da concepção

estabelecida pela hierarquia de relacionamentos, ou seja, a amanormatividade e romper com o conceito de que pessoas assexuais não podem se relacionar romanticamente com seu parceiro, visto que a atração romântica e sexual diz respeito a sentidos diferentes.

Conclusão

Portanto, é notório como os mitos possuem um papel ativo nas sociedades antigas e como elas foram um elemento central para a construção das mentalidades dos indivíduos. Em virtude disso, as narrativas mitológicas representam aspectos dos contextos sociais, na qual os discursos e os enunciados corroboram para a propagação de ideologias predominantes. Diante disso, no que concerne a sexualidade e a periodização proposta por Foucault (1976), a Idade Média compreende a sexualidade como algo carnal, por conseguinte, a modernidade passa a interpretar a sexualidade e o sexo conforme os parâmetros biomédicos patologizante.

Segundo o citado, no que relaciona a divindade Ártemis, é possível perceber aspectos valorizados pela sociedade patriarcal, heteronormativa, conjugal, allosexual e propagada de maneira normalizadora como, por exemplo, a castidade, solidão, o ofício de parteira e a ausência da feminilidade em que se relaciona com os princípios moralista cristã. Esses valores são atribuídos a algumas divindades em que a posteriori da Idade Clássica passam a ser utilizadas como recursos para repercutir esses ideários por sair das padronizações. Dessa forma, surgia a necessidade de englobar essas características com outros aspectos que coexistissem com as normas da sociedade, estabelecendo um aporte no discurso religioso

No entanto, essa perpetuação do discurso tem como a finalidade a manutenção da padronização da sociedade, isto é, negligenciando toda a diversidade presente no mundo. Por conseguinte, gera impactos que afetam diretamente sujeitos que não se identificam com essa normatividade, sobretudo as pessoas que se identificam com a assexualidade. A partir da pressão social pela vida sexual ativa dos indivíduos, possuindo um controle por meio das confissões, ou seja, através da linguagem, efetua impactos alarmantes na vida desses sujeitos no âmbito da mentalidade e no olhar em si, pois há a perpetuação de uma percepção de anomalias.

Desse modo, tratar os indivíduos como anormais, doentes são formas de violência cometidas sob essa minoria. Em seguida, a ausência de representatividade também influencia nesses indivíduos, pois se encontra uma dificuldade em materiais sobre esse assunto em que se distancia das questões das patologias. Tendo em vista isso, faz-se necessário a importância de produzir materiais que abrange esse conteúdo rompendo com o conceito patológico e enfatizando o quanto é comum a presença da assexualidade e pessoas que se identificam como assexuais. Por fim, é necessário questionar sobre os pré-conceitos acerca da assexualidade e os valores atribuídos às mulheres.

Além disso, é destacável desvincular das características transferido para as pessoas assexuais: frio, solitário e casto, posto que, assexuais não se afirmam como tal por escolha, escolhas principalmente embasadas em valores da cristandade na tentativa da manutenção da pureza, mas como uma questão de ser. Esse enunciado transmite diversas violências direcionadas a essa comunidade já que está os invalidando e principalmente compactuando com as violências. Conseqüentemente, é urgente criar conteúdos que demonstrem e abordam de maneira acessível, sem vinculação com estereótipos e conceitos já estabelecidos.

Logo, esse artigo buscou por meio de uma análise das representações e valores estabelecidos por uma população que tem como modelo exemplar a conjugalidade e refletir sobre esses modelos que estão enraizados na mentalidade das pessoas, todavia, buscando também enfatizar que assexualidade é tão válida quantos as outras, mas por haver um apagamento histórico foram negligenciadas em nome da defesa de um padrão conjugal na qual o papel da mulher circunscrever-se a família monogâmica, no seu lugar de filha-esposa-mãe, ou seja, enquanto objeto de uma relação e o conseqüente apagamento de sua singularidade - subjetividade, tudo isso em nome de um ideal e modelo de sociedade falocêntrica e patriarcal.

Referências Bibliográficas

BARBOZA, A; BUENO, L; FALCÃO, C, ROCHA, M. **Assexualidade em seriados televisivos: uma análise sócio-histórica**. Revista Relações Sociais. Vol. 03, N.04, p. (1-13), 2020.

CARVALHO, Ana C. **A assexualidade e a orientação romântica: Estudo comparativo entre o grupo assexual Romântico e o grupo assexual aromântico.** Outubro, 2019.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade do saber.** 11. Gallimard, 1976.

LORDE, Audre. **Irmão Outsider.** 1. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PARIS, Ginette. **Meditações pagãs: os mundos de Afrodite, Ártemis e Héstia.** Texas: Vozes, 1994.